

INFORMAÇÃO: ESSÊNCIA DO FUTURO DA INDÚSTRIA

Silas Marques de OLIVEIRA¹

As organizações hoje são constantemente desafiadas para se adaptar às mudanças ambientais, levando em consideração as expectativas dos clientes, estratégias competitivas, avanços tecnológicos, leis governamentais, condições instáveis na economia e na sociedade.

A literatura é farta em afirmar que a formação e materialização de blocos econômicos, tais como o Mercosul, a Nafta, a Comunidade Econômica Europeia e outros; a dissolução do bloco comunista; a consolidação de potências tecnológicas; a globalização dos mercados financeiros pressupõem um novo paradigma quanto à função, importância e impacto da informação tanto como fator de competitividade das empresas e organizações em geral, quanto como fator determinante de sua adaptabilidade a essas mudanças ambientais.

Esse novo paradigma quanto à função da informação no ambiente produtivo forçou os executivos a ter uma visão diferente de seus negócios: como geradores de recursos, como elos pertencentes a uma só corrente econômica, como um órgão da sociedade para a criação de riquezas e como criaturas e criadores do ambiente social – ou seja, a área externa ao ambiente interno da organização na qual oportunidades e ameaças coexistem, demandando atenção e energia da organização.

Em uma economia onde a única certeza é a incerteza, a única fonte segura de influência contínua é o conhecimento. Quando os mercados mudam e as

tecnologias proliferam, quando as atividades se multiplicam e se tornam obsoletas da noite para o dia, as instituições bem sucedidas são aquelas que consistentemente criam novos conhecimentos e conseguem comunicá-los eficazmente.

Durante as últimas décadas, temos visto que a revolução informacional tem mudado a própria fonte de riqueza. Esta não é mais material, mas sim o conhecimento aplicado ao trabalho para gerar valor. A conquista de riquezas é, no momento, sinônimo de conquista da informação e a aplicação dessa informação nos negócios e em nossas atividades coletivas.

Até certo ponto, a diferenciação competitiva revolverá ao redor da intensificação da análise de todos os aspectos e contextos que envolvem e geram um impacto em uma organização. Os astutos mudarão seu foco de atenção dos sistemas para informação, e abordarão duas questões relacionadas e essenciais: num mundo competitivo, onde grupos podem ter acesso aos mesmos dados, quem será bem sucedido em transformar dados em informação? Quem, então, analisará essa informação rápida e inteligentemente suficiente para gerar conhecimento? Antes do fim desta década, a natureza da informação, o modo como ela será negociada e produzida, seu escopo, formato e protocolos de um mercado de informação, e os outros atributos de uma economia da informação criarão impacto político, definirão limites quanto à sua influência e redefinirão os paradigmas de poder.

1. Ph.D., Professor do Departamento de Pós-Graduação de Biblioteconomia da PUC-Campinas.

Realmente, a informação está alinhavada em todos os procedimentos administrativos, pois todas as organizações são sistemas de processamento de informação. Os gerentes de informação compreendem isto; eles não precisam ser persuadidos de que devem processar informação para funcionar. Quer a empresa fabrique parafusos, eduque estudantes, desenvolva pesquisas médicas, ou exporte víveres, ela precisa coletar, processar, usar e comunicar informação, tanto externa quanto interna, para poder planejar, executar e tomar decisões, pois a informação desempenha um papel organizacional chave em todos os níveis e em todos os departamentos.

Assim, não é de se admirar que Peter Drucker, em palestra realizada há quase 10 anos, já defendia que a organização fundamentada na autoridade e no controle, que surgiu em 1870, podia ser comparada a um organismo que está preso por sua própria concha e que as organizações precisam ser estruturadas tendo como suporte um esqueleto: informação.

É justamente sob as lentes da informação que os artigos deste número especial abordam o futuro da indústria. Os primeiros trabalhos oferecem um pano de fundo para os demais, enfatizando a importância da informação para a indústria em geral, destacando seu papel no processo decisório das organizações.

Os artigos intermediários focalizam toda esta discussão sob a ótica de setores econômicos industriais específicos, tais como o agronegócio, as Telecom, e as pequenas e médias empresas.

Os trabalhos fechando este número destacam o papel da inovação e transferência tecnológica no desenvolvimento industrial e apresentam a tendência da inserção do profissional da informação no mercado de trabalho, com base no desenvolvimento industrial.

O artigo de comunicação apresentado por último relata uma experiência de acúmulo e transmissão de conhecimentos voltada para as estratégias empresariais através de um modelo de Universidade Corporativa.

Baseada em uma retrospectiva histórica das tentativas da humanidade de estocar conhecimento,

a professora Celeste Aída S. C. Jannuzzi, em seu artigo "Estoque, oferta e uso da informação", nos brinda com uma reflexão sobre o uso da informação na indústria, enfatizando que "a importância dos serviços de informação para as empresas está relacionada à crença de ser a informação o insumo estratégico para a competitividade." A informação se torna, portanto, um ativo que é cada vez mais imprescindível para subsidiar a tomada de decisões, visando, evidentemente, uma vantagem competitiva.

Mas afinal, indaga a autora, "qual é a informação que a indústria necessita e que pode ser transformada em conhecimento, a fim de torná-la competitiva?" Uma resposta parcial seria: todo o conhecimento existente e que é gerado pela organização, tanto operacional quanto conceitual. Esse processo só terá êxito, no entanto, quando essa oferta de informação for filtrada pela percepção e assimilada pelos usuários

Como os usuários em foco são as indústrias, Ralph Santos da Silva apresenta uma reflexão resgatando a utilização da informação no processo decisório deste setor econômico, ampliando os contornos de seu papel e a importância para a sua sobrevivência. Logo na introdução do artigo "Decisão e informação na indústria", o autor declara que a "informação tem sido considerada como o principal elemento de criação de vantagem competitiva", construindo, assim, todo o fundamento conceitual de seu trabalho, que explora também os elementos básicos que constituem a empresa, os sistemas de decisão e seu processo, os sistemas de informação gerencial e a ecologia da informação.

No corpo do trabalho, o autor demonstra como os três subsistemas organizacionais, (sistema social, sistema estrutural e o sistema tecnológico) se integram e analisa os ambientes onde essa estrutura se insere, demonstrando a importância e o impacto que o processo decisório, fundamentado em informação, exerce na eficácia da organização.

O Prof. Ralph finaliza esse trabalho fornecendo uma estrutura referencial que enfatiza conceitos que podem ser aplicados a todos os tipos de sistemas

de informação. De forma sucinta, descreve os componentes do sistemas de informação, suas atividades, os diversos tipos e aponta um modelo ecológico para o gerenciamento da informação.

Conclui que a informação representa a matéria prima para os sistemas de informação e, portanto, para o processo decisório nas indústrias, sendo necessário, portanto, “construir um sistema de gestão da informação que considere o seu aspecto ecológico, buscando fundir no sistema de gestão da empresa, a gestão ecológica da informação, eliminando, assim, o hiato existente entre esta e a competitividade”.

A informação estatística é imprescindível para o desenvolvimento de uma gestão voltada para a competitividade industrial. O artigo elaborado em parceria, por Osvaldo G. Filho e Vivaldo L. Conti, ambos do SEADE, intitulado “Produção e disseminação de informação socioeconômica” analisa a importância desse tipo de informação para a geração do conhecimento, bem como o papel e as especificidades das estatísticas socioeconômicas nesse processo. Este trabalho se destaca no contexto e âmbito geral do assunto em pauta por discutir e refletir sobre a própria indústria da informação, enfatizando como o IBGE e a Fundação SEADE organizam essa informação tornando-a acessível e útil aos mais variados segmentos industriais e econômicos do país. Em outras palavras, os articulistas desvendam o âmago da questão, pois, se é lugar comum hoje enfatizar que a informação é a essência de qualquer sistema e processo produtivo industrial, sem sua organização, estruturação e disseminação, que possível valor todo este cabedal disponível teria? Que impacto a informação poderia gerar na alavancagem da eficácia da indústria, independente do ramo de negócio ou setor produtivo?

Como exemplo, apresentamos o Prof. Antônio Maria Gomes de Castro que, em seu artigo “Prospecção de cadeias produtivas e gestão da informação”, defende que a informação é a base para a pesquisa, estudo e desenvolvimento do agronegócio, ao apontar a gestão da competitividade como uma

das principais conseqüências da aplicação de técnicas prospectivas na gerência do agronegócio e de suas cadeias produtivas, pois a informação é primordial e vital para o aprimoramento do desempenho.

O autor desenvolve uma temática esclarecedora sobre o conceito de agronegócio e de cadeias produtivas, tendo por base a visão sistêmica da agricultura e apresenta a importância e metodologias de estudos nesta área, enfatizando a competitividade de algumas dessas cadeias produtivas no Mercosul e ressaltando a informação não só como insumo aos estudos prospectivos, mas também como produto dos mesmos. Finaliza o trabalho apresentando perspectivas e lições da prospecção tecnológica na área de agronegócios no Brasil, ressaltando que “o momento atual caracteriza-se pela necessidade de um investimento firme e decidido, tanto na motivação como na capacitação de equipes de estudos prospectivos”.

Focalizando o tema deste número em outro segmento produtivo, o artigo intitulado “Conformação de plano de suprimento dos serviços em TELECOM integrado ao plano informacional”, dos Professores Fernando Luis de Castro Miquelino e Raimundo Nonato Macedo dos Santos, retrata o desafio das Telecom dos últimos três anos de suprir o mercado brasileiro com uma gama de oferta e de acesso aos seus serviços. Os autores defendem a posição de que uma alternativa viável para assegurar o sucesso desses empreendimentos seja o alinhamento de planos operacionais e de inteligência competitiva, garantindo fluxos informacionais contínuos. Ou seja, conforme o próprio título indica, integrar o plano informacional ao plano de suprimento dos serviços.

No afã de argumentar este ponto de vista, esboçam, de forma sucinta, o impacto das tendências políticas e comportamentais sobre as telecomunicações, destacando alguns desafios impostos tanto para as operadoras de serviços quanto para os provedores, tais como: tecnologia, aspectos culturais e comportamentais dos clientes, regulamentação do mercado e o impacto da “lei da crescente individualização”.

Os autores concluem observando e demonstrando que um modelo de sobreposição dos planos operacionais e informacionais irá proporcionar a estratégia necessária para “promover o aumento da eficiência na gerência da informação” na indústria de telecomunicações.

O Prof. José Teixeira da Silva Carlos, em seu artigo intitulado “Dimensões de competitividade para a empresa brasileira: informação e conhecimento, qualidade, tecnologia e meio ambiente” contextualiza a informação dentro de dimensões estratégicas da competitividade de pequenas e médias empresas, envolvendo a gestão da qualidade, da tecnologia, do meio ambiente e da própria informação. Para tal empreendimento, dados de 90 empresas relativos a estas dimensões foram coletados e analisados.

O autor enfatiza o relacionamento que deve existir entre essas dimensões de competitividade, tendo, como fator aglutinador desses processos, a organização de aprendizagem, fundamentada no conceito de aprendizagem coletiva que deve estar vinculada às atividades da organização. Mas, para que haja um forte vínculo entre a informação e a aprendizagem coletiva e as atividades da organização, resultando em maior competitividade, a gestão da informação ou mesmo dos sistemas de informação precisa ser vista como ferramenta e não como um fim em si mesma.

Os resultados da pesquisa claramente demonstram que a prática está longe do ideal e quem perde com isso são as próprias empresas, que vêm sua competitividade sendo fragilizada pela falta de “disponibilidade de conhecimentos, acesso a sistemas de informação, e, por conseguinte, limitações na geração de conhecimentos para otimização organizacional nos campos de gestão da qualidade, gestão da tecnologia e gestão ambiental nos sistemas produtivos.

Nesta mesma linha de raciocínio, Carlos D. Neto e Rose M. J. Longo, autores do artigo “A gestão do conhecimento e a inovação tecnológica” enfatizam a necessidade de eliminar os problemas de fluxo

e de acesso às informações, como estratégia para a construção de uma sociedade mais justa e rica e lançam o desafio de “como utilizar de maneira mais eficiente, e com resultados mais eficazes, o estoque de conhecimento tecnológico disponível num país.” Na tentativa de oferecer respostas a esta questão, os autores analisam o ambiente onde se processa a geração, a comercialização, a transferência e a transformação do conhecimento em inovação.

Ao provocarem uma reflexão em torno de conceitos básicos relativos ao conhecimento tecnológico, os autores discorrem sobre algumas características que tipificam os processos de comercialização, transferência e inovação ligadas à tecnologia e apresentam a idéia de que seja possível existir comércio de tecnologia sem transferência e transferência e tecnologia sem existir sua comercialização. Ambas as possibilidades com conseqüências nefastas para a indústria e todo setor produtivo, pois que resultados a indústria absorveria na primeira hipótese? No entanto, a ocorrência da comercialização da tecnologia sem a devida transferência provavelmente estagnaria a indústria no tempo e no espaço, roubando-lhe qualquer futuro.

Finalizando o trabalho, apoiados em um Relatório do Banco Mundial, os autores destacam as deficiências da informação como catalisadora de desequilíbrios e ineficiência do mercado e propõem um sistema para “sanar”, conforme eles mesmos, “os problemas que prejudicam o fluxo normal das informações entre os produtores e os consumidores do conhecimento.

Os artigos destacaram a importância da informação no processo de desenvolvimento industrial e tecnológico. Mas é evidente que se fazem necessários profissionais da informação qualificados para servir de filtro e elo entre o estoque e as necessidades informacionais de todos os setores produtivos. O nível e tendências de empregabilidade de profissionais da informação pelo setor industrial são discutidos pelos professores Paulo de Martino Jannuzzi e Fernando Augusto Mansos de Mattos, a partir de uma base empírica.

No artigo intitulado “Duas décadas de conjuntura econômica de (des)emprego industrial e de inserção dos profissionais da informação no mercado de trabalho” os autores alertam para o fato de que, diante da conjuntura econômica instalada no país nas duas últimas décadas, os profissionais da informação “têm enfrentado crescentes dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho.” Ressaltam, no entanto, fundamentados em dados apresentados pelo IBGE, que essa situação não é privilégio apenas desses profissionais.

Levando em consideração que índices de empregabilidade isoladamente não fazem muito sentido, a discussão é inserida sob a ótica da história do crescimento do PIB brasileiro no século XX, discorrendo sobre a evolução do comportamento do emprego industrial. Essa história sinaliza que a inserção dos profissionais da informação no mercado de trabalho brasileiro dependerá, em grande medida, da trajetória da economia brasileira e seus impactos no desenvolvimento industrial.

O trabalho dos autores Murillo César Mello Brandão, Jorge Luiz P. Borges e Martius V. Rodriguez y Rodriguez passam aos leitores a experiência que a Petrobrás desenvolve com relação ao processo de acúmulo e transmissão dos conhecimentos voltados para as estratégias empresariais. O artigo de comunicação “Universidades corporativas: um

estudo de caso”, esboça um histórico da Empresa e relata a formação acadêmica, bem como o número de horas empregadas em treinamento por funcionário durante o período de 1997 a 2000, demonstrando que o modelo de treinamento adotado atualmente enfatiza resultados, e que vai além do desenvolvimento das pessoas apenas.

Os autores descrevem detalhadamente o modelo de Universidade Corporativa que a Petrobrás utiliza e explicam que esse modelo permite “que o orientador corporativo passe da função de consolidar demandas para a função de analisar e planejar necessidades de capacitação individual dos empregados, com base nas estratégias e diretrizes da empresa. O modelo é baseado no desenvolvimento de projetos de Educação Continuada levando em consideração competências estratégicas, táticas e operacionais.

Finalizando o trabalho, os autores enfatizam que o grande benefício desse processo é a superação dos “gaps” de competência da organização.

Espera-se, portanto, que este número de Transinformação contribua para uma maior conscientização de todos aqueles responsáveis pelo desenvolvimento industrial do país que o futuro da indústria será fragilizado e comprometido se a informação não for considerada como um recurso central, indispensável e essencial.